

ANÁLISE MULTIFUNCIONAL DO ITEM *E* NO GÊNERO TIRA EM QUADRINHOS: GRAMÁTICA E USO¹³

Francimeire Cesário de Oliveira Queiros¹⁴

Rosângela Maria Bessa Vidal¹⁵

Resumo: Considerando a dinamicidade da língua, que é propriedade inerente aos usos, buscamos compreender como se manifesta a multifuncionalidade dos usos discursivos do item linguístico *E* no gênero tira em quadrinhos. Para tanto, nos fundamentamos na perspectiva funcionalista do uso linguístico e realizamos a análise com três funções discursivas de atuação do *E*: Sequenciamento retroativo-propulsor, Introdução de tópico discursivo e Focalização. No nível discursivo, em qualquer dessas funções analisadas, esse item ainda conserva o traço semântico de adição, porém numa condição gradativa, constituindo assim um contínuo.

Palavras-chave: Multifuncionalidade. Item *E*. Gênero tira em quadrinhos. Significação.

Abstract: *Considering the dynamics of language, which is property inherent to uses, we have tried to understand how the multifunctionality of discourse uses of the linguistic item AND is revealed in the comic strip genre. To do so, we have underlain on the functionalist perspective of the linguistic usage and have performed the analysis with three discursive functions of the acting of AND: Sequencing retroactive-propellant, Introduction of discourse topic and Focusing. At the discursive level, in any of these analyzed functions, this item still retains the semantic feature of addition, however, in a gradual condition, constituting, therefore, a continuum.*

Keywords: *Multifunctionality. Item AND. Comic strip genre. Significance.*

¹³ Este trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla (dissertação de mestrado).

¹⁴ Prof^a da rede pública na Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte - SEEC-RN e na Secretaria de Educação do município de Marcelino Vieira – SEMMV. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF). E-mail: meire.c@hotmail.com

¹⁵ Prof^a na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Doutora em Estudos da Linguagem, com área de concentração em Linguística Aplicada, no Programa de Pós-Graduação da UFRN. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF). E-mail: rosangelauern@gmail.com

Introdução

O ambiente que comunga o sistema e o uso da língua, de onde é descendente a multiplicidade de funções e significações das formas linguísticas, pode ser nomeado a partir de diversos pontos de vista, dentre eles como um processo de multifuncionalidades (NEVES, 1997) ou de interdiscursividades (MARCUSCHI, 2008) de relação da estrutura linguística x contexto comunicativo – vinculação entre gramática e discurso – (FURTADO DA CUNHA 2007b). Dessa feita, a língua assume um caráter dinâmico e fluido apresentando, por um lado, variações e, por outro, a mudança linguística, mas de certo modo, mantendo a estabilidade que dá equilíbrio ao sistema (MARTTELOTTA, 2003).

Esses pressupostos, pertencentes à corrente de estudos do funcionalismo linguístico contemporâneo (também conhecida atualmente como linguística centrada no uso ou cognitivo-funcional – Tomasello, 2008), na coesão com a teoria dos gêneros discursivos ganhou foco na mediação entre teorização linguística e prática pedagógica (OLIVEIRA; COELHO, 2003), cuja maior ênfase é os aspectos gramaticais que são analisados como fenômenos que emergem do uso da língua (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007; OLIVEIRA; CEZARIO, 2007), com o propósito de ampliar a competência comunicativa. Este uso é elucidado no emparelhamento forma e função, por meio das relações de motivações cognitivas e discursivas.

Mediante esse esboço, a proposta de estudo neste trabalho tem como objetivo central compreender a multifuncionalidade dos usos discursivos do *E*, cuja análise é empreendida no gênero tira em quadrinhos.

Para tanto, consideramos também a abordagem tradicional da gramática, na qual a postura do *E* é essencialmente gramatical, posteriormente uma abordagem mais ampla, na qual ele assume funções que atuam na organização do discurso e não apenas num âmbito da sentença.

A caracterização da pesquisa foi basicamente qualitativa, tendo em vista a descrição e interpretação do fenômeno linguístico pretendido para análise dos dados. Postura que enseja a atribuição de significados a partir dos influxos do sujeito pesquisador. Para isso, buscamos fundamentação em fontes teórico-metodológicas, na observação do objeto e no comportamento linguístico que ele assume, para, então, fundar o processo de análises e constatações. Quanto ao método, adotamos o indutivo como predominante.

O *corpus* da pesquisa foi constituído de 174 tiras em quadrinhos, captadas via *online*¹⁶, todas de autoria do quadrinista Laerte e com ocorrências do item linguístico *E*. A amostragem para análise foi representada, aqui nesse recorte, por quatro tiras que ilustram as três funções discursivas apreciadas na análise, a saber: Focalização, Introdução de tópico discursivo e Sequenciamento retroativo-propulsor. Estas apresentam níveis aditivos graduais, de menos para mais respectivamente, formando assim um contínuo aditivo. Isso sobrevém em contraposição com o que diz os estudos tradicionais da gramática que considera o *E* um coordenador somente aditivo.

O trabalho se fundamenta nas descrições teóricas do funcionalismo linguístico (norte-americano), este, ganhou maior projeção a partir dos trabalhos de linguistas como Paul Hopper, Sandra Thompson, Elizabeth Closs-Traugott, Joan Bybee e Talmy Givón, os quais se empenharam em defender uma linguística baseada no uso. Assim, tratamos de discorrer a respeito da concepção de gramática que se emoldura nessa linha. Procuramos, ainda, revisar a literatura sobre o objeto de estudo e, conseqüentemente, apresentamos uma amostra da análise dos dados. Por fim, pontuamos algumas considerações como conclusões desse trabalho.

O funcionalismo norte-americano

O funcionalismo linguístico, na perspectiva da língua centrada no uso, estuda a estrutura gramatical, tendo como referência a situação comunicativa completa: fala, interlocutores, propósito de uso e o contexto discursivo. Não se pode, assim, interpretar os fatos linguísticos esquecendo o contexto ao qual eles pertençam, o que valida a postura de complementaridade entre a forma e a função às faces do sistema de funcionamento da língua.

Com vistas a isso, Nichols (1984, *apud* VIDAL, 2009) reforça que o uso da língua é efetivado na articulação desses elementos, os participantes do ato da fala, os seus propósitos comunicativos e o contexto que dá forma ao discurso.

Enfatiza-se, nesses termos, que o funcionalismo é uma linha teórica que subsidia os aspectos fluidos relacionados aos usos, vistos aqui pelo ângulo da multifuncionalidade do *E*, haja vista, suas descrições atribuírem relevância à análise de procedimentos e questões relacionadas com as atividades de linguagem que se processam na interação.

¹⁶ <http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/>

Essa abordagem tem como eixo central a apreciação das condições de produção, que buscam respaldar-se nos reflexos do funcionamento efetivo da língua. Esse contexto culmina numa diversidade de práticas de linguagem tão plural quanto o ambiente que alicerça esse processo, o ambiente social. Isso implica numa concepção de língua como um fenômeno heterogêneo, desautorizando-a como um sistema autônomo, estável e externo ao falante, preceitos esses que qualificam a imanência da língua típica da abordagem formal.

A partir de seu uso, dá-se o processo de comunicação, e é por intermédio da linguagem que se tem acesso à informação, que se expressa e se defende pontos de vista, que se partilha e constrói visões de mundo, que se produz cultura, fazendo a mediação das atividades dialógicas e representando o conjunto dessas, disponíveis no funcionamento da linguagem e na comunicação de uma sociedade.

Nesse sentido, ao considerar o nível discursivo e cognitivo, bem como o plano da pragmática, consegue traduzir aspectos manifestos no plano comunicativo da linguagem.

Procura, desse modo, explicar as regularidades observadas nas relações de interação a partir de situações de uso dos interlocutores presentes nos diversos contextos sociais. Expressa um modelo de análise, segundo o qual “a língua desempenha funções externas ao sistema linguístico em si, as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico” (FURTADO DA CUNHA, 2009, p. 158).

Nessa concepção, o falante não desenvolve arbitrariamente o uso da língua. Para tanto, não constrói seqüências novas de sons a cada propósito comunicativo, mas apresenta uma forte tendência a aproveitar material já existente na língua, ampliando o sentido de palavras na relação com seu contexto de uso. Caso contrário, um processo linguístico baseado em determinações puramente arbitrárias seria difícil para os interlocutores compreenderem que recursos utilizar para se fazerem compreendidos (OLIVEIRA e VOTRE, 2009).

Tendo em vista a investigação da língua, com ênfase na função comunicativa, devemos sempre frisar a importância do discurso e das relações contextuais, no sentido de que há na língua uma competição entre motivações internas e externas, evidenciando-a como um sistema adaptável (DUBOIS, 1985). Admitir que há motivações externas à língua corresponde a pensar que há alguma relação de similaridade entre forma e conteúdo e que a sintaxe e a gramática não são autônomas. Para isso, há de se considerar que os padrões estruturais não devem coordenar os usos, mas, pelo contrário, os usos devem orientar esses padrões.

Os fundamentos da corrente funcionalista da linguagem são relevantes para explicar as atividades de constituição de texto, sendo que isso não invalida o ensino de gramática de ênfase morfosintática, pelo contrário, amplia e exige outro olhar a partir das regularidades do discurso que entram na gramática compondo os textos no âmbito discursivo.

A importância do discurso e das relações contextuais ganha relevo nesse campo, pois se reconhece que a comunicação não acontece na emissão de frases isoladas, mas por meio de enunciados que situam discursos e organizam-se em estruturas compatíveis com o processamento cotidiano das atividades realizadas pelos participantes de uma sociedade, sejam formais ou informais, sejam orais ou escritas, que são os gêneros textuais (POSSENTI, 2009).

Constata-se com isso que as estruturas sintáticas que compõem cada gênero textual estão condicionadas a uma série de fatores, desde a análise gramatical à modalidade da língua. E elas devem corresponder ainda ao contexto comunicativo de um gênero ao tratar-se de “procedimentos utilizados pelos informantes que representam os modos de organização da informação e as rotinas retóricas disponíveis na língua peculiares a cada estrutura discursiva e propósito comunicativo” (OLIVEIRA; COELHO, 2003 p. 114). Nesse sentido: “[...] a codificação linguística pode ser trabalhada em diversos níveis: (1) gêneros textuais, (2) modalidade (fala e escrita) e estratificação social (uso padrão e não padrão)”. (OLIVEIRA; CEZARIO, 2007 p. 102).

Por essa concepção as sentenças dão vida aos enunciados, que podem ser analisados e entendidos levando em conta as motivações discursivas, isto é, a estrutura sintática é visualizada como resultante de componentes do discursivo.

Concepção de gramática

A concepção defendida por Neves (1997) de uma gramática de uso busca, na essência, averiguar como se processa a comunicação em uma determinada língua, ou seja, é orientada pela competência comunicativa. Contudo, não se desvincula da noção de sistema, porque as funções exercem relações de integração entre os constituintes gramaticais.

De modo geral, “a gramática de uma língua, para a linguística funcionalista norte-americana, é concebida como um conjunto de regularidades que são convencionalizadas pelo

uso concreto nas diferentes situações discursivas” (MARTINS, p. 29, 2009), as quais consolidam os gêneros textuais.

Desse modo, observa-se a relação entre estrutura e função como algo versátil, refletindo o caráter dinâmico da língua. Considera o contexto global do discurso, e é do interior dele que procura correlacionar forma e sentido.

Contudo, é válido frisar que as construções linguísticas que são evocadas no uso, não passam de imediato a fazer parte do sistema gramatical. Para isso, passam por um contínuo de mudanças linguísticas, como diz Bolinger (1975, *apud* MARTELOTTA, 2003), precisam ser *percebidas, apreciadas* para serem *adotadas* e, mesmo assim, ainda não se estabilizam, isto é, “as mudanças de uma língua devem ser compreendidas como movimentos que se iniciam no instante que um indivíduo produz seu discurso [...]” (MARTELOTTA, 2003. p.71).

Como os aspectos linguísticos devem se adaptar às necessidades de comunicação dos falantes e as gramáticas devem refletir essas adaptações, ou seja, a forma da língua deve ser compatível com a função que desempenha. Assim, a codificação das estruturas morfossintáticas se situa pelo parâmetro das estratégias discursivo-pragmáticas. “Em outras palavras, há um forte vínculo entre discurso e gramática, de tal modo que a morfossintaxe tem sua origem no discurso.” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007 p. 34).

Esse viés se complementa com o pressuposto da integração dos componentes linguísticos, cuja ênfase se volta para o modo pragmático sob a alegação de que a partir das regularidades nele observadas é possível sistematizar, mesmo que provisoriamente, a gramática do uso, além de encaminhar mecanismos de seleção, organização e atualização dos padrões incorporados na gramática.

Por esse encaminhamento, resgata-se do uso aspectos inerentes à situação comunicativa como as intenções e o perfil do usuário, a condição social, o grau de informatividade, suas experiências cognitivas, seu papel cultural, além de uma gama de aspectos histórico-sociais que conduz o uso da língua como suporte para análise de textos enunciativamente situados, sendo a gramática funcionalista a base que acolhe essa compreensão.

A tênue linha divisória entre estes componentes, do sintático e semântico com o pragmático, demonstra a convicta intimidade fronteiriça entre discurso, gramática e cognição. E numa gramática que leva em consideração os usos linguísticos não há o predomínio

absoluto de um de seus componentes, mas a definição clara de qual deles se põe em evidência e a sua relação com os demais.

Revisão da literatura sobre o item linguístico *E*

Os valores semânticos

Os elementos que estabelecem qualquer tipo de conexão na língua costumam desempenhar papel de destaque no profícuo campo da Linguística.

Nas gramáticas tradicionais, o *E* se apresenta como uma das conjunções mais prototípicas das orações coordenadas, cujo valor semântico nelas mencionados é puramente aditivo, apesar de alguns autores apresentarem ressalvas sob forma de observações.

Bechara (2009), por exemplo, observa que “muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenativas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de ‘causa’, ‘consequência’, ‘oposição’, etc.” (BECHARA, 2009 p. 320). Assume, desse modo, a relevância dos sentidos contextuais para a mensagem global, mas como sentido acessório, porque, segundo ele, não modifica a relação gramatical aditiva das unidades envolvidas, como no exemplo citado por ele: *Rico e desonesto*. Conforme a percepção do autor há apenas uma oposição semântica entre os termos conectados.

Ainda é interessante frisar outra observação feita por Bechara (2009 p. 321): “Algumas vezes o *E* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação.” Ele já permite uma abertura ao pressuposto aditivo, dando margens a implicações com funções mais abrangentes, consequentemente seu valor aditivo também se distancia da concepção tradicional.

Ex: “*E repito: não é meu*” [MA.1, 314] (BECHARA, 2009 p. 321)

Partindo da consideração do elemento *E* como um elo entre as orações sintaticamente independentes, (CUNHA, 1982; MESQUITA, 1999; BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2007) deve-se ter em conta que essa consideração não tem uma segura sustentação quando no trato da língua em uso. Primeiro, porque o conceito de independência das orações coordenadas é de fácil questionamento (ABREU, 1997), pois não se estabelece mediante

critérios ou parâmetros. Segundo, porque, geralmente, os componentes semântico e pragmático não são levados em conta nesse tipo de consideração.

As aditivas estão presentes também na subcategorização de Halliday & Hasan (1976, cf. CAMACHO, 1999). Particularmente o *E*, apresentam-no como sendo de uso aditivo ou estrutural e de uso coesivo ou textual com base no escopo da ocorrência da sentença.

A definição semântica básica do *E* para Neves (1985) é de adição que, segundo ela, se relaciona com o próprio significado etimológico, já a relação temporal se dá apenas na estruturação do enunciado. Nesse âmbito, defende não uma classificação, mas uma relação gradual, conforme a contextualização dos sentidos básicos obtida pelas análises desses elementos a partir do nível do texto. Assim, o *E* na adição do sistema de informação ou de argumentos passa gradualmente “de uma adição comumente chamada ‘pura e simples’ para a adição enfática, adição com alternância e adição com contraste.” (NEVES, 1985 p.64).

Monnerat (2003) trata do valor temporal do *E* como o primeiro valor a ampliar o sentido, em termos de associação de ideias e de alargar o contexto. Nesse sentido, implica a ideia de sucessão, conseqüentemente de acúmulo que, ao ser adicionado, pode vir a contradizer, a corrigir o segmento que o precede, acarretando a ideia de oposição (contraste, adversidade e concessão). Para ilustrar, a autora mostra os seguintes exemplos: “Procuro e não encontro”; no qual cabe a paráfrase “*Procuro mas não encontro*”, em que se tem uma parte afirmando, outra negando, ocasionando o caráter adversativo.

Camacho (1999), também ao falar sobre assimetria das orações, diz que o *E* em si não indica a sucessão temporal e que esse valor semântico é aparentemente devido às convenções icônicas da ordem dos fatos na narrativa.

Neves (2000) aborda o *E* como um coordenador e o trata a partir de quatro aspectos: quanto a natureza da relação, ao modo de construção, ao valor semântico e a sua ordenação. Quanto ao primeiro aspecto (natureza da relação), relata que o *E* indica uma relação de adição entre os segmentos coordenados, sinalizando que esse coordenador possui um caráter mais neutro do que os outros. Isso se explica quando esse coordenador procede da adição de segmentos que mantêm entre si uma relação semântica marcada por uma *relação de contraste* ou por uma *relação de causa-consequência*. Monnerat (2003) acredita que é por essa especificidade do *E* que ele pode exercer diferentes tipos de conexões. Penhavel (2009) admite que, por essa caracterização de neutralidade, é possível o uso do *E* em uma diversidade de contextos semânticos (temporal, causal, conclusivo, explicativo adversativo, condicional e

final). Já Camacho (1999) refere-se a uma espécie de função coringa que pode indicar simultaneidade, inclusão temporal, causa, condição, consequência, conclusão.

A constituição de um contínuo para o conectivo *E* pode ser relativa ao propósito comunicativo que é explicitado nas atividades de produção do discurso (escrito ou oral), desempenhado pelos interlocutores por ocasião do processamento desse discurso. Quanto aos valores graduais que caracteriza um contínuo, Neves (2010) observa que o *E* passa gradualmente de uma adição neutra (*Ele fuma e toma cafezinho*) para uma adição enfática (*Garçons que passam com pratos. E pratos de massa suculentas*).

Essas possibilidades são pertinentes uma vez que “as categorias linguísticas e cognitivas não são compartimentos estanques” (ABREU, 1997, p. 20), porque existem lacunas entre uma categoria linguística prototípica e uma com propriedades discursivas com estruturas sintaticamente menos organizadas e lineares. O protótipo¹⁷ seria o parâmetro para analisar o grau de semelhanças e distanciamentos e situar um contínuo de análises.

Penhavel (2009) assegura que o *E* preserva em seus diversos usos um traço semântico aditivo. E tal significado aditivo se associa a algum segmento textual, anterior ao segmento de ocorrência que introduz o enunciado conectado, que é orientado pelos aspectos contextuais. Esses significados assumem três graus aditivos numa escala progressiva, chegando ao limite dos significados discursivizados, delineando, assim, uma relação de contínuo aditivo que segue: *adição, continuidade e ênfase*.

Para uma visão geral apresentamos um quadro com as funções elencadas nesse contínuo. Baseando-nos nessa literatura percorrida, acrescentamos a adição neutra:

¹⁷ O termo protótipo é definido em Abreu (1997, p. 20): “elementos prototípicos são aqueles que estatística e probabilisticamente apresentam o maior número das mais importantes propriedades/peculiaridades características da categoria.”

Quadro 1 - Contínuo aditivo do E e suas funções correspondentes

Coordenação de termos e de orações (coordenador)		Articulação de unidades discursivas (marcador discursivo)	
ADIÇÃO	ADIÇÃO NEUTRA	CONTINUAÇÃO	ÊNFASE
Ligam enunciados, seja no nível de segmentos de termos ou orações com equivalência sintática e semântica.	Relacionam enunciados, seja no nível de segmentos termos, orações ou períodos com ordenação temporal, ou não, podendo apresentar valor de contraste e de causa-consequência.	Relaciona porções textuais de segmentos variáveis.	Relaciona porções textuais de segmentos variáveis.
FUNÇÕES CORRESPONDENTES			
Coordenação simétrica - acontece a coordenação propriamente dita.	Coordenação assimétrica, - há a flutuação de valores semânticos: oposição e causa-consequência, por exemplo.	Sequenciamento retroativo-propulsor, introdução de tópico discursivo.	Focalização

Fonte: Penhavel (2009); Camacho (1999); Neves (2000)

As (multi)funções do E e suas relações discursivas

Em Penhavel (2009), há descritas algumas funções do conectivo *E* no discurso. Seu trabalho está fundado na perspectiva de examinar a função dos diferentes usos do *E* na construção do discurso. Para tanto, reúne essas funções em dois grupos mais amplos: quando atuam na coordenação de termos (Coordenação entre posições de termos e no interior de posições de termos) e de orações (Coordenação de orações sem equivalência funcional, simétricas e assimétricas) exerce a função de um *coordenador* e quando atua na articulação de unidades discursivas (Focalização, Manutenção/assalto de turno conversacional, Introdução de tópico discursivo, Distinção de unidades discursivas e Sequenciamento retroativo-propulsor), exerce a função de *marcador discursivo*¹⁸.

¹⁸ Uma definição geral: “Os marcadores discursivos são constituintes linguísticos com a função de delimitar unidades discursivas e estabelecer relações funcionais entre elas, conferindo

Em Tavares (2007; 2010 – entre outros trabalhos), encontramos estudos sobre os conectores sequenciadores (Sequenciamento retroativo-propulsor), dentre eles o *E*. São analisados na perspectiva das relações textuais e podem seguir uma ordem discursiva ou uma ordem temporal, atuando simultaneamente com efeito retroativo e na continuidade do texto.

A multifuncionalidade é uma proposta para observarmos os indícios de mudanças dos itens linguísticos que, no processar dos usos, pode proporcionar uma ampliação de características discursivas, o que conduz ao entendimento do discurso como parte da gramática da língua. Considerando que um determinado item linguístico pode exercer muitas funções, dependendo do contexto em que está inserido, isso ocasiona na língua uma variação e consequente mudança semântica.

Acreditamos que se faz necessário apresentarmos uma sucinta discussão, de natureza predominantemente teórico-metodológica, referente ao quadro de definições das devidas funções selecionadas para análise posterior (Focalização, Introdução de tópico discursivo e Sequenciamento retroativo-propulsor).

Nesse sentido, trazemos o pensamento de Gonçalves (1998, p. 32) que esclarece, com muita nitidez, a função do *E* como focalizador quando diz: “entendo por focalização o ato de focalizar, ou seja, de acentuar, de ressaltar, de por em relevo/realce/evidência um determinado item do texto.” Compreendendo-o como um fenômeno de caráter discursivo-pragmático, já que o usuário da língua, para fazer jus a um propósito comunicativo, pode evidenciar uma parte do enunciado que considere relevante para tal intento. Esse entendimento parte do princípio de que a Focalização, por sua própria natureza, tem a função de “realçar elementos do enunciado”.

Por essa razão, o autor nos chama a atenção para o fato de que a ênfase dada ao discurso nesse caso não é porque é uma parte central dele, mas é o componente discursivo que constitui uma intensificação e “também porque são vistas através de certas perspectivas que afetam tanto o que o falante diz quanto o que o ouvinte interpreta” (GONÇALVES, 1998 p. 33).

Funciona como uma espécie de “chamar atenção” do interlocutor para a parte em relevo. De certa forma, a manifestação da focalização acaba por se tornar central, já que é o

coesão textual ao discurso, e/ou com a função de orientar o processo de interação verbal, conferindo coesão interacional ao discurso.” (PENHAVEL, 2009).

segmento textual que ajuda ao interlocutor a produzir a significação possivelmente pretendida pelo locutor.

Quanto à função de Introdução de Tópico Discursivo, apresentamo-la no pensamento de Givón (1992), que define o tópico como algo “a respeito do que se fala” ou “que é relevante”. Contudo, alerta para o fato de sua permanência na continuidade do texto, já que no nível da sentença ele não exerce relação de sentido. Dito de outra forma, o tópico não ganha essa função por causa da sua codificação sintática como tópico da oração, mas porque essa função tem a ver com a trama textual em que há uma recorrência de seus referentes no discurso. Quando um tópico é introduzido por um *E* aparentemente essa ideia de continuidade do texto fica mais evidente.

Esse autor estuda o tópico numa perspectiva pragmático-discursiva em que a topicalidade é motivada pela cognição, uma vez que, as marcas gramaticais usadas pelo emissor para codificar a topicalidade no discurso requisitam operações peculiares na mente do interlocutor. Essas marcas gramaticais presentes no discurso para codificar o tópico concebem um esforço do emissor para fundamentar a informação do ponto de vista do receptor.

Resumidamente, diz respeito ao conteúdo do tópico “aquilo de que se fala” e “como se fala”.

Vamos expor resumidamente algumas considerações sobre o Sequenciamento retroativo-propulsor usando o posicionamento de Tavares (2007; 2010). Em Tavares (2007), encontramos um estudo sobre os conectores *E*, *AÍ* e *ENTÃO* em que são analisados na função de sequenciadores (Sequenciamento Retroativo-Propulsor). Quanto ao sequenciador *E*, verificamos nas constatações da autora que, por ele ser menos marcado nos tipos de discursos analisados na amostra dela, tende a ter menor complexidade no processamento linguístico com uso predominante na fala; no nível de articulação, seu uso se dá mais na interligação de segmentos oracionais e introduzindo orações com verbos menos ativos.

De acordo Tavares (2010 p. 195), “Quando um falante ou escritor estabelece uma relação coesiva entre enunciados sequenciados segundo uma ordenação temporal ou discursiva, está em jogo a sequencição retroativo-propulsora [...]”. Essa relação aponta a introdução de um enunciado no discurso que, ao mesmo tempo, favorece a continuidade e consonância com a orientação discursiva já dada. É codificada por conectores tais como *E*, *AÍ*, *DAÍ*, *ENTÃO*, *DEPOIS* e *PORTANTO*, atuando na organização de partes do discurso de dimensões variáveis.

Nesse sentido, tentamos mostrar uma visão panorâmica sobre os estudos em torno da multifuncionalidade do *E*, a partir desses, nortearemos nossa investigação, elegendo um recorte para efetivar nosso propósito investigativo no gênero tira em quadrinhos.

Análise multifuncional do *E* no gênero tira em quadrinhos

As análises nesta pesquisa oferecem um quadro sintético dos diversos comportamentos linguísticos do item *E*. Por exemplo, percebemos, na *Figura 01*, que o *E* em “*e fazem muito bem!*” (segundo quadrinho) parece não apenas articular duas informações, mas confere a elas uma relação semântica mais complexa do que seria a de uma simples adição, ou seja, seria uma ênfase ao um enunciado do texto/gênero.

Quando olhamos pelo aspecto pragmático, é possível notar a intenção do enunciador, que é reiterar, de forma enfática, a proposição de seu interlocutor, procedida mediante uma informação dada, sendo que o foco abrange a informação nova, como podemos observar ao lê-la na sequência:

Fonte: <<http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/dia-a-dia/index.html>>



Figura 01

Por esse motivo, há uma dificuldade para enxergarmos uma relação puramente aditiva, pois o segmento enfatizado não se articula linearmente ao segmento anterior, representando uma espécie de ruptura no encadeamento discursivo do conteúdo temático do gênero, até então, composto por duas falas consecutivas de uma mesma personagem (o que se posiciona possivelmente como chefe de recursos humanos de uma empresa).

É importante frisar que essa ruptura no encadeamento discursivo na *Figura 01* não se deve apenas ao *status* informacional de natureza enfática dos enunciados, mas também porque ocorre uma troca de turno de fala entre os personagens, o que pode ser uma ocorrência

propícia para essa ruptura. Todavia, essa troca de turno se caracterizou por seu caráter enfático.

Segundo Penhavel (2009 p. 279), um segmento introduzido por um *E* focalizador “constitui uma alteração no padrão sintático, semântico ou pragmático do encadeamento discursivo.” Nesse caso, porque o enunciado “*e fazem muito bem!*” não se constitui apenas como uma oração, já que é conectado a todo um bloco textual pré e procedente para a construção de uma unidade maior que é uma narrativa. Contudo, parte dele é colocada em relevo, e esse uso focalizador não se configura numa estrutura de coordenação mais característica, pois rompe com a equivalência funcional da oração anterior. Essa equivalência é muito frequente nos casos quando a análise acontece no nível da sentença, que não é o caso aqui.

Essa circunstância pode nos revelar que o valor aditivo embora não tenha ocasionado um acréscimo ou uma soma muito evidente no plano informacional, mas o sentido de intensificação e reiteração, imbuídas numa ênfase, parece decorrer do sentido básico de adição, ou seja, mesmo se distanciando do valor aditivo, esse primeiro caso ainda manteve de certa forma esse valor.

Veremos agora o *E* como um elemento introdutor de um novo tópico discursivo. Como já discutido neste trabalho, o tópico tem a ver com os assuntos que são tratados no texto e se relaciona com o plano global dele, ou seja, tem a ver com a inserção de um novo assunto no discurso ou como ele é inserido.

Na *Figura 02*, podemos observar como estão dispostos os tópicos (assuntos). No segundo quadrinho, o diálogo está centrado na capa do herói e numa relação temporal (“*até quando*” e “*até o vento voltar*”), já no terceiro quadrinho, o diálogo se volta para o que é observado pelo herói, acrescido à ideia de curiosidade do personagem que segura a capa (Esquilo), que é introduzido por um *E*.

Fonte: < <http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/index-overman.html>>



Figura 02

Mesmo com o *E* sugerindo a introdução de um novo tópico, a linearidade do discurso não foi interrompida, há uma progressão decorrida pela sucessão dos tópicos, isto é, o *E* estabelece a relação de continuidade no texto.

Nesse âmbito, foi introduzido um novo tópico que dá progressão a massa textual-discursiva do gênero, fato mais frequente quanto a essa função. Assim sendo, o item linguístico *E* dá acesso a esse trajeto que movimenta a língua e a Introdução de Tópico Discursivo dá direção a esse movimento, porque não se insere no texto de modo acidental, mas é norteado por propósitos comunicativos. Para tanto, na introdução de um tópico, o enunciador se vale também de respaldos cognitivos relativos às experiências no mundo, pois a elaboração de um tópico (na mente) parece observar as atividades sociais e os processos comunicativos.

Por esses aspectos, podemos observar indícios de iconicidade, já que há indicativos de uma motivação entre a estrutura do enunciado (forma) a as relações experienciais para a produção de significados (função). Isso porque, na produção discursiva de qualquer texto, considera-se a situação, a seleção (lexical e estrutural) das expressões linguísticas para alcançar a eficiência dos propósitos comunicativos, além de realizar interferências sobre os interlocutores.

Já quando a ocorrência do *E* aparece no início do texto, geralmente, compõe interrogativas não retóricas (sem a exigência de uma resposta imediata), se apresentando como elemento anafórico ou catafórico, com intuito de introduzir a ocorrência do tópico, como se vê na *Figura 03* com o “*E agora?*”.

Vejamos que os processos referenciais e as escolhas lexicais foram produzidos na possibilidade de introduzir um tópico discursivo, situando o interlocutor num encadeamento de elementos linearizados para suscitar articulações mais globais, pois não vemos esse

encadeamento se coordenando entre um enunciado e outro imediatamente seguinte; vai além disso, se articula com porções a nível mais textual, prenunciando a ideia de dúvida que perpassa por toda a tira da *Figura 03*.

Fonte: <<http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/hugo/tira.html>>



Figura 03

Nesse mecanismo da *Figura 03*, a situação comunicativa leva o leitor a buscar as referências discursivas precedentes para então constituir as significações. Consideramos que isso é um mecanismo característico das tiras em quadrinhos por não comportar muitas codificações linguísticas, sendo o papel do *E* codificar não só a introdução do texto (e do assunto), mas também de mediar a articulação de codificações não presentes com as já dadas. Circunstância possível nas tiras também pela presença da linguagem não verbal, pois é através desta que reconhecemos o cenário da situação e que acontece ao telefone.

Então, estabelecer o significado aditivo fica para além das relações sintáticas, pois o enunciado introdutor “*E agora?*” não parece apresentar adição e do ponto de vista informacional realmente não há essa significação de modo preciso.

Na *Figura 04*, a análise é sobre a relação de Sequenciamento retroativo-propulsor que o *E* ocasiona no texto/gênero. Como podemos ler na tira em quadrinho, a fala do personagem é colocada em dois planos textuais (1º e 2º quadrinhos) conectados pelo *E*. Ambos se remetem a etimologia da palavra “*Pirata*”, salientando desse modo, um teor aditivo, em que uma informação é acrescida a outra, mas também envolvido num movimento de retroação e consonância (“quer dizer” que está no 2º quadrinho, retoma “*Pirata*” no 1º quadro). Desse modo, fica perceptível uma relação aditiva, mas em consonância com o plano global do texto/gênero e não apenas sintaticamente.

Fonte: <<http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/index-piratas.html>>



Figura 04

Isso é evidente, principalmente, pela forma como as falas do personagem foram organizadas na tira (1º e 2º quadrinhos) e é justamente o item linguístico *E* que faz o intermédio entre elas.

O trecho “*E quer dizer ‘guerreiros valorosos, altos...’*” dá sequência à ordem discursiva do enunciador, revelando que a informação acrescentada tem relação com a outra, anunciando, assim, uma continuidade, sem que haja mudança de tópico (assunto) e assinalando a ordem sequencial das informações. É cognitivamente de fácil processamento e discursivamente articulador de partes textuais, sendo necessário para tanto, da integração dos componentes linguísticos (sintáticos, semânticos e pragmáticos).

Conclusão

A reflexão sobre os dados, reunidas em torno de três funções discursivas do item linguístico *E*, demonstrou que a atuação desse item na articulação discursiva, cujos empregos são figurados pela multifuncionalidade, expande seu valor semântico aditivo para o âmbito de um contínuo que abrange a continuidade e a ênfase, salientando que as funções que foram postas nessa análise se afastam do valor inicial mais aditivo (sem abandoná-lo) e chegam a esses já expandidos (continuidade e ênfase).

Quando o item linguístico atua na Introdução de tópico discursivo tem um valor semântico aditivo intermediário, ora próximo à Sequenciação retroativo-propulsora, ora próximo à Focalização. A Focalização se apresentou com menor indício de valor aditivo, sendo às vezes, quase imperceptível devido, geralmente, representar uma ruptura no encadeamento linear do discurso. O Sequenciamento retroativo-propulsor é mais próximo do

valor aditivo, apesar de não figurar num nível local (ou seja, apenas na sentença), sua porção textual que se articula no discurso é de fácil identificação.

Pelas análises, outro ponto que se sobressaiu foi quanto ao propósito comunicativo de um texto, reafirmando-se como referência de codificações, resultando seja em quantidade de informações, em ordenamento das ações do evento discursivo, seja na integração dos itens codificados. Haja vista as codificações, presentes nos gêneros textuais, admitirem certa iconicidade.

Quanto aos dados gerais da pesquisa representamos a seguir uma visão geral em número (N) e percentuais (%). A partir dele compreendemos melhor a atuação do item *E* no gênero tira em quadrinhos.

Quadro 2 – Dados das funções discursivas e demais ocorrências do E

F		ITD		SRP		CT		CP¹⁹	
N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
16	8	32	15,7	95	46,7	48	23,6	12	6

F= Focalização; ITD= Introdução de tópico discursivo; SRP= Sequenciamento retroativo propulsor; CT= Coordenação de termos; CP= Casos à parte.

Nesse panorama observamos a ampla atuação do *E* como um sequenciador, contudo tem quantitativos representativos de outras funções o que nos oferece a ideia de que o item em estudo tende a se estabelecer nessas e outras funções que possam surgir, já que o uso linguístico proporciona a constante mudança de categorias, uma vez que ao se adequarem aos propósitos vão tendendo a multifuncionalidade.

Nesse gênero, estabelecer relações de articulação com o item linguístico *E* parece atender não somente uma relação de coesão, mas também se submetem nesse âmbito a natureza informacional dos enunciados, as evidências de motivações icônicas e ao nível de frequência que indica uma situação marcada ou não marcada.

Essas considerações resultam num alargamento do olhar sobre os fenômenos da língua. Com relação ao item linguístico *E*, por esse trabalho explanar-lhe a relevância discursiva, conduz a não limitarmos à análise exclusivamente da gramática normativa,

¹⁹ Casos que não se encaixam nessas funções ou de difícil identificação destas.

pensamento que restringe sua função a coordenar termos e orações, por isso, suas funções foram ampliadas para o nível do texto.

Referências

ABREU, Antônio Suarez. Coordenação e subordinação: uma proposta de descrição gramatical. *Alfa*, São Paulo, n.41, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAMACHO, Roberto Gomes. Estruturas coordenadas aditivas. In.: NEVES, Maria Helena M. (Org.). *Gramática do português falado*. v. VII – Novos Estudos. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1999. p. 351-406.

DU BOIS, John. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (Ed.) *Iconicity in syntax*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1985.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática de base*. 3. ed. Rio de Janeiro, 1982.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice (Orgs.). Linguística funcional e ensino de gramática. In.: _____ *Funcionalismo e ensino de gramática* Natal-RN: EDUFRN, 2007. p. 13-51.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, Maria Aparecida da. A gramaticalização do verbo ir: implicações para o ensino. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal-RN: EDUFRN, 2007. p. 53- 86.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Situando o funcionalismo. In: CUNHA, M.A.F. & SOUZA, M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b, p. 17-26.

_____. Funcionalismo. In.: MARTELOTTA, Mário Eduardo *et. al. Manual de linguística*. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009. p. 157-176.

GIVÓN, Talmy. *The grammar of referencial coherence as mental processing instructions*. Linguistics, Berlim, 1992. p. 5-55.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas*. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v.7, n.1, p.31-50, 1998.

MARCUSCHI, Luiz. Antônio. Gêneros textuais no ensino de língua. In: *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Ana Paula Pereira. Funcionalismo linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos. *Domínios de Linguagem*. Ano 3, nº 2, 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. A mudança linguística. In.: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 57-71.

MESQUITA, Roberto Melo. Gramática da língua portuguesa. 8ª. Ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

MONNERAT, Rosane S. Mauro. Possibilidades discursivas do e – um conector coringa. *Linguagem em (Dis)curso, Tubarão*, v. 4, n. 1, 2003.

NEVES, Maria Helena Moura de. *O estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do português*. Alfa, São Paulo, n. 29, 1985.

_____. *A gramática funcional*. S. Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; CEZARIO, Maria Maura. PCN à luz do funcionalismo linguístico. *Revista: Linguagem & Ensino*, v. 10, n. 1, 2007.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; COELHO, Victoria Wilson. Linguística funcional aplicada ao ensino de português. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 89-121.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; VOTRE, Sebastião Josué. *A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista*. Rio de Janeiro: Matruga, v. 16, n.24, 2009.

PENHAVEL, Eduardo. Funções do conectivo e na articulação do discurso. In.: PEZATTI, Erotilde Goreti (Org.). *Pesquisas em gramática funcional: descrição do português*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 257-290.

POSSENTI, Sírio. Gêneros discursivos: Bakhtin vai à escola. In: ARANHA, Simone Dália de Gusmão et. al. (Org.). *Gêneros e linguagens: diálogos abertos*. João Pessoa: UFPB, 2009. p. 9-19.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 46. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

TAVARES, Maria Alice. Os conectores e, aí e então na sala de aula. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Org.). *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal-RN: EDUFRN, 2007. p. 87-115.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, Bernd (Eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, v. 1

TAVARES, Maria Alice. Conectores sequenciadores *E, AÍ e ENTÃO na fala de Natal-RN: indícios de especialização funcional*. ano 5, v. 12, 2010.

VIDAL, Rosângela Maria Bessa. *As construções com advérbios em – mente: análise funcionalista e implicações para o ensino de língua materna*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Programa Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – (PPgEL), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.